



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

**MASTURBAÇÃO, UMA EXPRESSÃO NORMAL DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA,
A ÓPTICA DOS ENFERMEIROS DOS CSP**

**Manuel Alberto Morais Brás¹, Eugénia Maria Garcia Jorge Anes²,
Sandra Cristina Mendo Moura³, Maria de Fátima Pereira Geraldes⁴**

¹ Professor Adjunto, Doutorado em Ciências de Enfermagem, Departamento de Ciências de Enfermagem, Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Saúde de Bragança. Endereço: Avenida D. Afonso V, 5300-121, Bragança (PORTUGAL), e-mail: manuel-bras@ipb.pt

² Professor Adjunto, Departamento de Ciências de Enfermagem, Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Saúde de Bragança. e-mail: Eugenia@ipb.pt

^{3 4} Enfermeiras, Especialistas Saúde Comunitária e Mental, ULS – Nordeste (Bragança, Portugal)

*Fecha de recepción: 15 de enero de 2012
Fecha de admisión: 15 de marzo de 2012*

RESUMO

Sabemos hoje, que o bebé ao explorar e brincar com os órgãos sexuais, proclama o seu desenvolvimento sensorial. A Masturbação, sendo expressão normal da sexual, ao longo de todo o ciclo vital, apresenta-se com especial frequência e intensidade, nesta faixa etária a que convencionou chamar de adolescência.

De frequência variável, é contudo mais frequente nos rapazes que nas raparigas, havendo indivíduos que a não praticam, o que poderá estar relacionado com a diferença do desenvolvimento psicossocial nos dois sexos.

De forma a identificar e conhecer a opinião dos enfermeiros dos cuidados de saúde primários, portugueses relativamente à Masturbação na adolescência, desenvolvemos, um estudo observacional, descritivo transversal correlacional, em 1735 enfermeiros de 226 Centros de Saúde.

Dos inquiridos no nosso estudo (93,3%) são do sexo feminino, e (6,7%) do sexo masculino. A idade varia entre os 22 e 68 anos, com uma média de 37,3 anos. A maioria vive em meio urbano (54,1%). Residem no interior 46,3%, no litoral 46,2%, nas regiões autónoma da Madeira 4,2% e dos Açores 3,3%.

Os inquiridos sugerem em (39,1%) das opiniões, que a Masturbação é uma expressão normal da sexualidade e 36,3% sugerem-na uma forma de descoberta e familiarização com o próprio corpo.

Palavras-chave: Masturbação, Sexualidade, Adolescência, Enfermagem, Cuidados de Saúde Primários



MASTURBAÇÃO, UMA EXPRESSÃO NORMAL DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA, A ÓPTICA DOS...

ABSTRAT

Today we know that the baby explores and plays with the sexual organs, proclaims and promotes their growth and sensory development. The Masturbation, is a normal sexual expression, throughout the life cycle, it is presented with a special frequency and intensity, in this age group that we conventionally call adolescence.

With a variable frequency, it is more common in boys than girls, with individuals who do not practice it, which may be related to the difference in psycho-social development for both sexes.

In order to identify and know the opinion of nurses on primary health care, on the Portuguese Masturbation in adolescence, we developed an observational, descriptive, exploratory, cross-cutting study in 1735 nurses of 226 Primary Health Care Units. Of the respondents in our study (93.3%) were female, and (6.7%) were male. The age range is from 22 to 68 years with a mean age 37.3 years. Most live in urban areas (54.1%). Reside within 46.3%, 46.2% on the coast, in the autonomous region of Madeira and 4.2% in the autonomous region of Azores 3.3%.

Respondents suggested in (39.1%) of the reviews, that Masturbation is a normal expression of sexuality and 36.3% suggested it as a form of discovery and familiarity with his own body.

Keywords: Masturbation, Sexuality, Adolescence, Nursing, Primary Health Care

INTRODUÇÃO

Pasme-se, pois, só com os estudos de Freud sobre a sexualidade infantil, e, muito particularmente, com o avanço dos trabalhos na área da sexologia, já em pleno século XX, é que a mão da Masturbação começa a ser entendida como uma prática saudável na infância e na adolescência, fase adulta e velhice.

Pelo que abordar a sexualidade na adolescência, sem falar de Masturbação, seria, salvo a distância devida, como ir a Roma e não ver sua santidade o Papa.

Somos de opinião que a iniciação sexual surge, regra geral pela mão da Masturbação, ainda na puberdade ou na adolescência (Brás, 2008).

Por Masturbação, com o respeito devido, aos mais variados autores e definições, entedemos, tratar-se de estimular, manipular, acariciando, tocando, ou friccionando e afagando as zonas potencialmente erógenas e não só os órgãos genitais, com o intuito de atingir o orgasmo, despoletando enormes filões de prazer sexual (Andrade, 1996; Rodrigues, 1998; Brás, 2008).

Julgamos, tratar-se de uma prática que todos já teremos experimentado, de forma solitária, ou não, com o intuito de nos auto-presentear-mos ou simplesmente banquetearmo-nos.

Pode tratar-se de uma prática, heterossexual, bissexual ou homossexual. É mais vulgar que, no homem, seja estimulado o pénis e, na mulher, o clítoris e os seios, ao ponto de se atingir o orgasmo.

Por se tratar, regra geral, de uma forma inteligente, de ao explorar o corpo, também se deliciar com o prazer que este recolhimento proporciona, os jovens adolescentes, tendem obviamente a reproduzir a sena com alguma frequência e intensidade, contudo reduzirá progressivamente essas práticas, às estritamente necessárias ao seu equilíbrio (Andrade, 1996; Rodrigues, 1998).

Fazendo fé nos estudos, durante o período da adolescência (mais ou menos dos 12 aos 18 anos de idade) a quase totalidade dos rapazes Masturba-se regularmente, e uma parte significativa das raparigas esporadicamente.

Entenda-se, que seria simplesmente um gesto, quando as hormonas por esta altura invadem e alteram as diferentes partes do corpo, a libido solta-se e a primeira relação sexual acontece, se esta não tivesse repetição na juventude, na adultice e pela vida fora até que o corpo e a mente deixem de se entender e comunicar (Andrade, 1996; Rodrigues, 1998).



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

E, falamos de Masturbação, que dá e proporciona prazer, muito prazer, imenso prazer e que muitos, pais, professores, educadores e até profissionais de saúde, persistem em não falar e até temosamente, não querer que outros falem, com a naturalidade de quem fala de uma forma prazerosa de comunicar (Sampaio, 2006; Vaz, 2007).

Levando em consideração, que em tese, fazemos parte de uma das poucas espécies, monogâmicas, onde as mulheres solteiras e viúvas não podem “uma vez mais em tese”, copular com os homens, solteiros, casados ou viúvos, e onde, os homens solteiros casados ou viúvos, não podem da mesma forma, ser recebidos pelas mulheres solteiras, casadas ou viúvas, a Masturbação acaba por ser um recurso de muitas, crianças e jovens, homens e mulheres, como forma de combater a carência e a solidão e, ao mesmo tempo saborear o prazer dos pensamentos.

Ansiedades e fantasias sexuais, têm de esperar e, a Masturbação ganha assim, uma importante função, “individualista” e hedonista (Andrade, 2006; Rodrigues, 1996; Brás, 2008).

A nível orgânico, a Masturbação consegue, quando é eficaz, aliviar a tensão e a ansiedade, pela libertação ainda que “muito” momentânea dos excessos de líquidos orgâsmicos. Algumas horas, ou minutos mais tarde, quando o epidídimos ou o colo do útero estiver novamente “incandescentes” por força dos fluidos orgâsmicos, a Masturbação poderá actuar novamente como um tranquilizante, contudo, incapaz de oferecer ao *corpus* as respostas orgânicas de uma relação sexual com outrem, por quem nos sentimos atraídos ou desejamos muito (Rodrigues, 1998; Rosa, 2001).

Alguns estudiosos, deste tipo de prazer, “entenda-se Masturbação”, rotulam-no de Masturbação de adolescentes, pois acontece, segundo as suas visões, pela necessidade imperativa de descoberta1Andrade 2 Brás, nós acrescentamos, o prazer e a sensação de bem-estar e toque do próprio corpo.

Ainda na óptica dos apreciadores e estudiosos, desta área do conhecimento (leia-se sexualidade), a Masturbação pode ser compensadora, porque, tal como nós, pensam, compensar, quando à pessoa surgem problemas de índole diversa; sociais, familiares ou individuais e tende a usar a Masturbação como meio de escape e auto-presenteamento (Aberastury, 1990; Rodrigues, 1998; Sampaio, 2006; Brás, 2008).

Repare-se na panóplia de “coloridos”, mais um, Masturbação por necessidade, que para estes peritos, sobre os quais, se pensa muitas vezes, ter descido o Divino Espírito Santo, pela sua dogmática sapiência, acontece geralmente quando o casal, se encontra fisicamente separado, podendo ainda, à Masturbação, por imperativos óbvios, recorrerem, os presos que procuram alívio e, nós persistimos em acrescentar, prazer, no âmbito do alívio das suas tensões sexuais.

Mais haveria a somar, como a Masturbação dita patológica, quando é uma compulsão, que pouca ou nenhuma satisfação traz. Ou, Masturbação por indicação médica, quando se pede o sémen de determinado paciente para teste de fertilidade ou para diagnosticar determinadas infecções sexuais potencialmente transmissíveis.

Finalmente, a Masturbação hedonista, esta em nossa e na opinião dos variadíssimos autores é a mais recorrente e comum, embora não fazendo do prazer o único objectivo de vida (Andrade, 1996, Rodrigues, 1998; Brás, 2008).

Alguns autores afirmam que a Masturbação estava inicialmente ligada a alguma imaturidade e, a uma patologia se se torna uma fixação, contudo a Masturbação pode ser um ensaio para a vida heterossexual normal, ou um prelúdio para uma solidão simplesmente egoísta, na Masturbação como uma prática normal, a sua ausência entre rapazes (mais), que em raparigas, durante a adolescência pode ser considerada sinal de alerta (Rodrigues, 1998; Sampaio, 2006; Vaz, 2007; Brás, 2008).

Alguns peritos contemporâneos, da área em apreço, apoiam a Masturbação como prática normal, e extremamente importante como contributo, para o desenvolvimento humano. A Masturbação é muito popular na puberdade e na adolescência, na realidade, quase todos os indivíduos, crianças ou adultos, de ambos os sexos, a praticam pelo menos ocasionalmente, sendo fisicamente considerado normal, muito prazerosa e não perniciosa.



MASTURBAÇÃO, UMA EXPRESSÃO NORMAL DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA, A ÓPTICA DOS...

É importante deixar, e que fique bem claro, a Masturbação não é só coisa de adolescentes. É também muito praticada na idade adulta, apesar de pouco admitida, inclusive por pessoas que possuem companheiros sexuais. Além de ser mais uma fonte de prazer para quem a pratica, pode ser também prazeroso realizá-la nas trocas sexuais com o parceiro (Rodrigues, 1998; Sousa & Ferreira, 2003; Brás, 2008).

Face ao exposto, a motivação para esta investigação, radica com a constante interacção do Enfermeiro dos Cuidados de Saúde Primários e o jovem adolescente, dada a posição privilegiada e estratégica em que este se encontra, podendo interferir na promoção da saúde sexual.

MÉTODO

Foi objecto do nosso estudo, identificar opiniões dos enfermeiros dos cuidados de saúde primários relativamente à sexualidade e Masturbação nos adolescentes.

Optamos por um estudo observacional, descritivo transversal e correlacional, eminentemente quantitativo. Apoiado numa amostragem probabilista, com recurso a uma amostra aleatória simples (Ribeiro, 2010).

A população em estudo foi de 1735 profissionais de enfermagem dos cuidados de saúde primários de 226 Centros de Saúde de Portugal continental e ilhas da Madeira e Açores.

Para recolha de dados usamos o questionário de auto preenchimento, voluntário e anónimo, elaborado por recurso a alguns trabalhos realizados em paralelo com o nosso estudo e com metodologia aproximada, nomeadamente (Navarro, 1985; Loureiro, 1990; Moradela, 1992; Grelo, 2001; Brás, 2002).

Tendo em conta a fundamentação teórica, foram criados 12 itens em escala de Likert, como aconselha Mucchielli (1975), pois é um procedimento ou técnica que procura medir a intensidade das opiniões ou as reacções de um indivíduo com referência a um objecto de opinião.

Os inquiridos, foram informados, relativamente aos princípios éticos universais que regem a investigação, confidencialidade e consentimento informado. Após contacto e autorização, foram enviados os 10 questionários correspondentes à média do número de profissionais por cada unidade de saúde (10 enfermeiros), num total de 293 Centros de Saúde isto é 2930 questionários; responderam respectivamente 226 o que equivale a 77,13% dos Centros de Saúde e 1848 dos enfermeiros (63,07%), destes foram validados 1735 (59,21%) questionários, tendo sido rejeitados 113 por deficiente preenchimento.

O tratamento estatístico dos dados foi efectuado por via informática, utilizando para o efeito os programas SPSS 19,0 for Windows e InfoStat 2,0. Avaliaram-se os resultados ao nível de significância de 0,05.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1 – Estatísticas descritivas da idade dos enfermeiros investigados

Idade dos enfermeiros (Anos)	
Mínimo	Máximo
22	68
Média	Desvio Padrão
37,3	9,2
Moda	Mediana
39	37



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

A idade dos enfermeiros inquiridos varia de um mínimo de 22 anos até um máximo de 68 anos, com uma moda de 39 anos. A distribuição das idades apresenta uma configuração assimétrica positiva, significando que a profissão de enfermagem nos cuidados de saúde primários é relativamente jovem; tendo uma média de idades de 37,3 anos, o que corresponde exactamente aos resultados do estudo realizado por (Brás, 2008).

A amostra é maioritariamente do sexo feminino (93,3%) dos enfermeiros, o que vem de encontro à distribuição por sexo a nível nacional, e internacional para este contexto de exercício, isto é, uma profissão exercida maioritariamente por mulheres.

Relativamente à zona de residência, constatámos que a maioria dos enfermeiros vivem em meio urbano (54,1%) e em meio rural vivem 45,9%. Residem no interior 46,3%, no litoral 46,2%, na ilha da Madeira 4,2% e na ilha dos Açores 3,3%. Os inquiridos exercem actividade profissional em 5 Regiões de Saúde e 18 Sub-regiões de Saúde e 2 secretarias regionais de Madeira e Açores.

Comparando a opinião dos enfermeiros sobre a Masturbação na adolescência, segundo as Sub-regiões e Regiões de Saúde, com base no teste de independência de Qui-Quadrado por simulação Monte Carlo ($c2=170,15$; g.l.=95; $P <0,001^{***}$) e ($c2=56,36$; g.l.=30; $P <0,01^{**}$), podemos concluir a opinião (sobre o tema) não é significativamente independente respectivamente das Sub-regiões e Regiões de Saúde de trabalho dos enfermeiros.

Tabela 2 – Tabela de frequências da opinião dos enfermeiros sobre a Masturbação na adolescência

Considera a Masturbação na adolescência como:			
Descrição	F. Absolutas	F. Relativas	%Linha
Acariciar os órgãos genitais para obter prazer sexual	528	18,5%	30,5%
Uma expressão normal da sexualidade	1117	39,1%	64,5%
Um acto que se deve reprimir na adolescência	10	0,4%	0,6%
Um acto inócuo	52	1,8%	3,0%
Uma forma de aliviar a tensão sexual / stress	113	4,0%	6,5%
Uma forma de descoberta e familiarização com o próprio corpo	1037	36,3%	59,8%
Total	2857	100%	-----

Dos inquiridos, 39,1% considera a Masturbação na adolescência como uma expressão normal da sexualidade, o que vem de encontro à opinião de diversos estudos e autores (Andrade, 2006; Rodrigues, 1998; Sampaio, 2006; Vaz, 2007, Brás, 2008).

Uma outra franja de inquiridos considera-a como uma forma de descoberta e familiarização com o próprio corpo (36,3%). Existe ainda um grupo menor, mas ainda significativo, que considera a masturbação um cariciar dos órgãos genitais para obter prazer sexual (18,5%). Wilde (1975:225) sugere que “a Masturbação é uma manifestação normal, um comportamento sexual como qualquer outro, que não acarreta nenhum estrago fisiológico”. Nos rapazes a Masturbação funciona como forma de compensar a ansiedade, a insegurança e a frustração pela confirmação da sua virilidade e potência (Miguel, 1997; Sousa & Ferreira, 2003).

H1 - A opinião dos enfermeiros sobre a masturbação na adolescência é influenciada pela idade, sexo, estado civil, existência de filhos adolescentes, tipo de escola frequentada, ter formação e informação específica para lidar com adolescentes e formação específica sobre sexualidade.

No âmbito da hipótese de investigação formulada, com base no teste de Independência de Qui-Quadrado $c2=41,016$; g.l.=5; $P <0,001^{***}$ podemos concluir que a opinião dos enfermeiros sobre a masturbação na adolescência não é significativamente independente da idade e do género sexual dos enfermeiros. Estando associado aos enfermeiros com menos de 44 anos, *a expressão normal da sexualidade e uma forma de descoberta e familiarização com o próprio corpo* e aos enfermeiros



MASTURBAÇÃO, UMA EXPRESSÃO NORMAL DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA, A ÓPTICA DOS...

com 44-68 anos a masturbação como, *um acariciar dos órgãos genitais, um acto inócuo e uma forma de aliviar a tensão sexual*. Podemos associar ainda os enfermeiros do sexo feminino, às respostas *acto inócuo e uma forma de descoberta e familiarização com o próprio corpo*.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Assim a Masturbação é uma fase indispesável para o jovem atingir o completo e normal desenvolvimento. Estudos indicam que a criança ou jovem que não se masturba, dá indicações de algo de grave e anormal se estar a passar. Lentamente, o jovem reduzirá essas práticas às estritamente indispesáveis ao seu equilíbrio. Há que considerar que a falta de boas relações afectivas com os pais pode fazer com que a criança ou jovem procure na Masturbação uma compensação ao que lhe falta (Alvim, 1986; Andrade, 1996; Sousa & Ferreira, 2003; Sampaio, 2006; Brás, 2008).

Importa assegurar aos jovens adolescentes a normalidade e inocuidade da Masturbação, não sendo pois justificável a proibição pelo poder parental, tradição religiosa ou social. O desenvolvimento, a força e constância das pulsões sexuais estão relacionados com factores de ordem biológica, social e cultural (Rodrigues, 2008).

No âmbito da nossa investigação, os dados sugerem, que a Masturbação na adolescência é uma expressão normal da sexualidade, uma forma de descoberta com o próprio corpo, bem como uma forma de acariciar os órgãos genitais para obter prazer sexual, o que vem de encontro à linha de pensamento de vários autores peritos nesta área (Prazeres, 1998; Sampaio, 2006; Vaz, 2007; Sá, 2007; Brás, 2008). Podemos ainda concluir que a opinião dos enfermeiros sobre a masturbação na adolescência não é significativamente independente da idade e do género sexual dos enfermeiros.

“É imperativo vincar claramente que a Masturbação não causa nem física nem psicologicamente qualquer mossa no organismo. Não provoca qualquer tipo de alterações, não vicia, não afecta os futuros filhos, não contribui para a delinquência, independentemente da frequência ou idade dos jovens intervenientes” (Miguel, 1994:23).

Pensamos que enquanto profissionais de saúde, a exercer em cuidados de saúde primários, temos o dever de observar que a Masturbação é uma fase indispesável para que o jovem atingia o seu completo e normal desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberasturu, Arminda et al., (1990) – *Adolescência*. 6.^a ed. Porto Alegre. Artes Médicas.
- Alvim, Francisco (1986) – *Meus Pais Não Ousaram Falar (Educação Sexual)*. Psicologia, 5 (1); 11-17.
- Andrade, Maria Isabel (1996) – *Labirintos da Sexualidade*. Porto. Porto Editora.
- Brás, M. A. M. (2002) – Razão e Emoção a Sexualidade do Adolescente a Perspectiva do Profissional de Enfermagem. Porto. ICBAS. Universidade do Porto.
- Brás, M. A. M. (2008) – A Sexualidade do Adolescente: a Perspectiva do Profissional de Enfermagem. ICBAS. Universidade do Porto.
- Grelo, S. (2001) – Conhecimentos e comportamentos dos adolescentes face à sexualidade. Tese de Mestrado em Ciências de Enfermagem. ICBAS. Universidade do Porto.
- Loureiro, F. (1990) – Informação Sexual dos Adolescentes – Grau de Conhecimentos, Relação com Comportamentos e Opiniões. Revista Portuguesa de Saúde Pública. Vol. 2, nº 8, p. 17-23.
- Miguel, N. Silva (1994) – *Os Jovens e a Sexualidade*. 6.^a Edição. Lisboa. Ministério da Emprego e Segurança Social. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Miguel, Nuno Silva (1997) – *A Sexualidade na Adolescência e Juventude*. In *Sexologia em Portugal*, (Vol. 1), Lisboa. Texto Editora.



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

- Moradela, M. (1992) – Psicología del Desarrollo-Infância. Adolescencia. Madurez Y Senectud. Barcelona. Marcombo Boixareu Editores.
- Mucchielli, R. (1975) – O Questionário na Pesquisa Psicossocial. S. Paulo. Livraria Martins Fontes Editora Lda.
- Navarro, M. F. (1985) – Adolescentes Portugueses: Alguns estudos. Lisboa. Escola Nacional de Saúde Pública, edições saúde. Obras Avulsas. Vol. 3, p. 79-130.
- Prazeres, Vasco (2003) – Saúde Juvenil no Masculino: Género e saúde sexual e reprodutiva. Lisboa. Direcção Geral da Saúde.
- Ribeiro, J (2010) – Metodologias de Investigação em Psicologia e Saúde. 3.ª Edição. Legis Editora. Porto
- Rodrigues, Custódio et al., (1998) – *Manual de Psicologia / 2: Motivação*. Porto. Edições Contraponto.
- Sá, E. (2007) – Livro de Reclamações. Programa apresentado na SIC, 2.ª feira durante o Jornal da Noite.
- Sampaio, D. (2006) – Lavrar o Mar. 1.ª Edição. Lisboa. Editorial Caminho.
- Sousa, B. L. & Ferreira, S. J. (2003) – Atitude dos Adolescentes Face à Sexualidade. Revista Sinais Vitais. Vol. 48, p. 35-38.
- Vaz, J. M. et al., (2007) – Serralves Fora de Horas. SIC Mulher.
- Wilde, W.D. (1975) – *A Adolescência*. Lisboa. Livros Horizonte.

